

**International Conference on Higher Education in Emergencies –  
Doing More, Better and Faster**

Fundação Calouste Gulbenkian, 5 de abril de 2018

09:15

Senhor Presidente, Doutor Jorge Sampaio,  
Senhor Primeiro-ministro,  
Senhor Secretário-geral da Liga dos Estados Árabes  
Senhor Comissário Europeu  
Senhora Presidente do Banco Mundial,  
Senhores Embaixadores,  
Excelências,  
Caros Colegas,  
Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Muito bom dia. Sejam bem-vindos à Fundação Calouste Gulbenkian e a esta conferência internacional sobre o ensino superior em situações de emergência.

É com enorme honra que acolhemos mais esta iniciativa do Presidente Jorge Sampaio, um amigo da Fundação e um verdadeiro cidadão global a quem tanto devemos.

Permitam-me, por isso, que, em primeiro lugar, saúde as qualidades ímpares que o Doutor Jorge Sampaio sempre tem demonstrado, nas

suas múltiplas intervenções, mais recentemente através da Plataforma de Estudantes Sírios e da negligenciada questão do ensino superior em situações de emergência que se transformou, em boa hora, em mais uma das suas “causas”.

A promoção de direitos humanos, a solidariedade e a proteção de pessoas em situação de vulnerabilidade são valores que convocam desde sempre a Fundação Calouste Gulbenkian e que integram as nossas prioridades de acção.

Como bem sabemos, o século XXI não é apenas o século da mobilidade voluntária. É também marcado pela fuga e pela deslocação forçada de populações, seja por conflitos, seja por catástrofes naturais.

Este é um fenómeno global, que assumiu dimensões inéditas em resultado do agravamento da situação no Médio Oriente e no Norte de África, com efeitos que há muito não víamos na Europa.

Nunca será nunca demasiado afirmar que os refugiados se encontram em situações muito fragilizadas, pela insegurança relativamente ao seu futuro mas sobretudo porque deixaram para trás tudo o que conheciam e tudo o que tinham: família, amigos, casa, o trabalho ....

Por outro lado, os refugiados são muitas vezes oriundos de países de culturas muito diversas relativamente aos países de trânsito e de acolhimento, o que leva a que tenham dificuldades acrescidas de inserção social. Isto representa um problema político para os governos que procuram desenvolver medidas integradoras nas mais diversas

esferas da vida em sociedade.

Concordamos que uma das áreas mais silenciosas neste domínio mas determinante para o futuro dos refugiados e para a criação de igualdade de oportunidades, bem como para a promoção da sua auto-estima, tem a ver com a educação.

Muitos daqueles que fogem são crianças e jovens que foram forçados a deixar a escola e a interromper o seu percurso escolar - De acordo com as estimativas apresentadas no relatório “How Europe Education Systems can boost migrant inclusion” publicado recentemente pelo Migration Policy Institute existem cerca de 750 mil crianças e jovens migrantes e refugiados com necessidade de serem integrados nos sistemas de ensino.

Por isto, também na Fundação defendemos que a Educação deve ser encarada como uma prioridade, evitando que estas crianças e jovens continuem a acumular fatores de desvantagem que penalizarão de forma drástica o seu desenvolvimento como cidadãos. Está em causa a sua preparação para se tornarem adultos equilibrados e capazes de dar o seu contributo à reconstrução da sua sociedade de origem ou de participarem nas sociedades que os acolheram.

Nesta prioridade que deve ser dada à educação incluímos todos os níveis de ensino, incluindo naturalmente o ensino superior, o elefante nesta sala “the elephant in the room”.

Como refere Sanson Milton, convidado especial desta conferência e

cujo livro será hoje apresentado, “O fracasso em proporcionar as oportunidades de educação superior necessárias para realizar as aspirações do jovens refugiados [em ser médicos, advogados, engenheiros] significará perder o seu enorme talento e potencial para o desenvolvimento e transição dos seus países”.

O ensino superior não pode ser considerado um luxo em situações de emergência, mas antes uma prioridade estratégica fundamental para a superação dos próprios conflitos e reconstrução dos países, de forma a evitar que aqueles conflitos se transformem em doenças crónicas, como as estatísticas parecem indicar.

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Pela sua natureza, as Fundações, de uma forma geral, estão comprometidas com grandes problemas das sociedades, com a compreensão das suas causas e com a procura de respostas para a sua resolução.

Há problemas que transcendem em muito a responsabilidade das Instituições Internacionais e dos Estados e um exemplo paradigmático é exatamente aquele que hoje iremos aqui discutir, que convoca uma multiplicidade de stakeholders.

As respostas ao desafio do ensino superior em situações de emergência têm variado consoante os países de origem e os de acolhimento mas o que rapidamente se tornou evidente é que as soluções para este desafio não dependem apenas da vontade política e

das respostas públicas.

O sucesso da integração destas comunidades no ensino superior depende também do empenho e do compromisso das organizações da sociedade civil e do sector privado, de que a Plataforma Global para os Estudantes Sírios é um exemplo extraordinário.

O envolvimento das Fundações é importante porque, para além de financiamento, trazem ao debate independência, conhecimento e capacidade de projetarem sobre o futuro, uma vez que vivem menos dependentes de ciclos e de actuar em rede.

Na Fundação Calouste Gulbenkian, para além de estarmos inseridos nas principais redes internacionais que se dedicam às questões das migrações, como o Transatlantic Council on Migrations ou o Vision Europe Summit, onde a questão do ensino superior é também abordada de forma estratégica, temos apoiado outros projectos que directa e indirectamente se relacionam com esta questão.

Desde 2013, a Fundação já canalizou meio milhão de euros para suportar as propinas de mais de 500 estudantes universitários refugiados na Arménia, e já nós comprometemos com mais 200 mil euros para os próximos dois anos. Estes fundos são geridos pelo Ministério da Diáspora da Arménia – aproveito para cumprimentar o Vice Ministro dos Negócios Estrangeiros da Arménia, Ashot Hovalimian, aqui presente – e completados com fundos de igual valor da União Geral Beneficente Arménia.

Destacaria também, pela sua importância e impacto, o projecto de Reconhecimento de habilitações de médicos e de enfermeiros imigrantes e refugiados –entre 2002 e 2011 – que viabilizaram o reconhecimento de habilitações académicas e a profissionalização de cerca de 220 profissionais.

Tratou-se de um projecto inovador a vários níveis, que permitiu corresponder às expectativas de imigrantes e refugiados, de prosseguirem os seus sonhos e de trabalharem nas áreas das suas qualificações, bem como dar um importante contributo numa área chave do desenvolvimento humano.

Esta questão também se coloca nos dias de hoje. Importa não só facilitar o acesso ao ensino superior de jovens refugiados como também garantir que populações refugiadas com formação superior vêm as suas qualificações reconhecidas nos países que os acolhem.

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

A criação do Mecanismo Rápido de Resposta e sem prejuízo da prudência que o projecto-piloto aconselha, terá sempre a abertura da Fundação Calouste Gulbenkian, que estará sempre disponível para colaborar num tema que está alinhado com as nossas preocupações e em relação ao qual temos a plena percepção das dificuldades dos processos.

Relativamente ao que está em discussão, de criação de um fundo que permita financiar as diferentes soluções, a Fundação, com o apoio do

Laboratório de Investimento Social, estará igualmente disponível para participar na discussão relativamente ao desenho de novos mecanismos de financiamento, sempre com um enfoque no impacto social.

Lisboa é sem dúvida uma cidade dos Direitos do Homem que sempre se pautou por um princípio universal de acolhimento. No caso da Fundação, não podemos ignorar que Calouste Sarkis Gulbenkian, o bilionário de ascendência arménia que, em 1942, chegou a Lisboa, deixando para trás uma Europa profundamente abalada pela guerra, foi também um refugiado no seu tempo que encontrou nesta cidade a paz de que todos carecemos.

Espero que Lisboa e a Fundação por ele criada proporcionem, por isso, o espírito de abertura e de diálogo necessários para o sucesso desta conferência e o debate urgente que esta convoca.

Isabel Mota